

ESSENCIALISMO

Ensaio essencialista - 01

21/8/2008

Régis Alain Barbier

ESSENCIALISMO: UMA DEFINIÇÃO

SUMÁRIO

ESSENCIALISMO: UMA DEFINIÇÃO

I – DEFINIÇÃO

II – ANÁLISE

- DO SIGNIFICADO
- DA SABEDORIA JÔNICA
- DA METAFÍSICA
- DA EXPERIÊNCIA E CULTURA
- DA AFILIAÇÃO DO DISCURSO
- DA AXIOLOGIA ETOLÓGICA

III - DO MÉTODO

- DA RAZÃO QUALIFICADA
- AXIOLOGIA ESTÉTICA
- EMBASAMENTOS TEÓRICOS DA FACULDADE DE CONHECER
 - PERSPECTIVA COSMO-EXISTENCIAL – Forma sumarizada

BIBLIOGRAFIA

ESSENCIALISMO: UMA DEFINIÇÃO

I - DEFINIÇÃO

O essencialismo versa sobre o essencial: a sua raiz profunda é a unidade indiferenciada; acolhe o que é, partindo da inefabilidade, do marco zero, cerne silencioso do estado-de-ser, comungando uma apreensão metafísica a partir de onde se trama e constrói a perspectiva filosófica cosmo-existencial; autêntico, sem adjetivações, pondera o que é, sem ruptura ontológica. A essencialidade não gravita, como um jogo obsessivo de antagonismos, em torno de um eixo organizador condicionante onde sujeitos imaginando-se neutros, investidos de objetividade soberba, matemática, sentados nas arquibancadas supremas da academia, há vinte e cinco séculos, debatem a substancialidade das “essências”, platônicas e aristotélicas, ou as relações entre “essencialidade transcendente” versus “atributos existenciais contingentes”, ou, ainda, pensabundos, reativam uma forma de misticismo intelectual pitagórico, transferindo as cogitações para o plano da linguagem - pensando os vocábulos como condutores de essências puras e originais, geradores inatos, celestiais, de impressões psíquicas significantes, verbum, independentemente das correspondências telúricas, entendidas como simples apontamentos, em descensão, das concretudes, a posteriori.

O essencialismo, ciente do mistério socrático, “o saber do não saber central”, igualiza, em-si, a junção sagital e unitária do estado-de-ser à essência - bem ou mal ressentida, fonte de todos os debates: o âmago do estado-de-ser é a essência unitária. Bem acolhida, com bom senso, a essência existencial desdobra-se como um agregado filosófico conjuntivo, radical, substancial e criativo, de expressionismo, existencialismo fenomenológico e naturalismo. Por decorrência, o essencialista lúcido e responsável, é aberto à experiência, anuindo positivamente com a existência disposto a comungar vitalidade num

ânimo criativo e sereno, apto a ‘sentir-e-intuir’ a magnificência do estado-de-ser. Ele manifesta uma intenção de respeito e louvor ao que é, elabora uma estética-ética etológica, assentada no etos eco-humanista, tentando contribuir à instalação de uma ordem filosófica e cívica dialogal, comunitária.

Como filosofia e movimento, evidencia ser transcultural, por resgatar o termo ‘essencial’ do esquecimento e das extrapolações nos quais se dissipou depois da condenação e morte de Sócrates e progressivo desvio idealístico e hierarquista, construído por Platão, divorciado das ponderações jônicas¹ e da herança heraclitiana, mesmerizado pelo dualismo ético, cósmico e teogônico, sobrevivendo nos enlaces das invasões de Cirus II, generalizando a concepção sobrenaturalista do Universo da antiga religiosidade pérsica, o zoroastrismo. Os binômios clássicos tais como: divino versus natural, ideal vs real, subjetivo vs objetivo, poético vs prosaico, absoluto vs relativo, experiência vs cultura e outros, gravitam, e estão contidos, na órbita da fonte unitária e suprema sustentando e criando, a que tudo se refere e de que tudo advém. A perspectiva cosmo-existencial, essencialista, supera a perspectiva sobrenaturalista, assim como a sua versão leiga, kantiana, dicotômica, “transcendente-transcendental”, que domesticou e tamisou o clarão iluminista, e ainda rege os teleologismos idealísticos, teológicos, junto com o positivismo (fiscalismo): ideologias complementárias e dissecantes, sempre assumidas e preservadas nos enredos dos movimentos culturalistas - a filosofia setecentista ainda subjugando o intelecto geral, imperando. Assentado nos ditames da razão qualificada, o essencialismo, não é destinado, nem aspira, a tornar-se um movimento de massa, uma simples reformulação atualizada da cultura, uma ideologia: é um posicionamento sóbrio, responsável e não hierarquizado, exigindo independência, liberdade e criatividade na reconstrução dos significados e reconhecimento do estado-de-ser, nada prometendo, exaltando o esforço próprio, sem expectativas sobrenaturais, em prol da realização da sabedoria filosófica no enfrentamento da realidade. O essencialismo é o fundamento filosófico de um devenir eco-humanista, como alternativa a uma possível autoaniquilação apocalíptica.

¹ Barbier, Régis Alain; Filosofia, Ciência & Vida Especial – n° 2; Editora Escala, SP; 2007.
rbier, Régis Alain; Filosofia, Ciência & Vida Especial – n° 2; Editora Escala, SP; 2007.

O Universo segue, inexorável, o seu infindo processo de criação e destruição. O Kósmos não está a serviço da humanidade, nem tampouco a Natureza atende às rogativas, ensejos ou idiossincrasias, da sociedade: é a transferência e conversão sábia da harmonia cósmica, esteticamente contemplada, para o âmbito social, na forma de uma constelação bem-humorada de virtudes eco-humanistas, em sintonia e correspondência com os atributos universais, que revela ser a vocação mais alta da humanidade; vindo da rosa-dos-ventos às virtudes cardeais, traduzindo exatidão cósmica em justiça humanista, inexorabilidade em coragem, organização em prudência, adaptação evolutiva em temperança, e, no centro da encruzilhada mística, transmutando unidade em união. É uma sintonização empática e construtiva, operada no interior, na junção unitária e essencial, “estado-de-ser”, um louvor ativo que cada um deve intentar refletir na comunidade dos humanos, tornando-se criativo, receptivo e amoroso, filho e filha do universo: contribuindo à instalação da paz, vertendo essa transposição de momento a momento. Os conceitos típicos da filosofia essencialista configuram ser: imo silencioso e essencial do estado-de-ser; perspectiva filosófica cosmo-existencial; valores “est-éticos”; razão qualificada; eco-humanismo; virtudes cardeais, união, serenidade filosófica, nova ordem metafísica, religiosa e cívica – uma transformação renovadora, hoje essencial.

II - ANÁLISE

Um filósofo vivia numa ilha. Ausentou-se da comunidade para meditar na encosta de uma montanha. Contemplava o horizonte com olhos brilhantes e escrevia. Passou-se muito tempo. Admirando, escrevia esquecido de tudo. Ao seu redor os pergaminhos foram se juntando e avolumando. Chegando o monte de escritos à altura da sua visão, lembrou-se de dar uma olhada em direção à aldeia: na sua ausência o mundo tinha ficado muito estranho! Assustado, mergulhou por inteiro no cúmulo dos pergaminhos. Contam, então,

que desapareceu entre os capítulos e as entrelinhas, onde continuaria filosofando em busca da verdade.

DO SIGNIFICADO

O plano da investigação teórica é simbólico, totalmente absorvido nos “sinais criados para melhor comunicar”²; o projeto filosófico ocidental é teórico, estruturado em prosa e escrita, semiose de predomínio incontestável. Até mesmo os empiristas ingleses da alvorada do modernismo, ferozes críticos do “racionalismo continental”, acompanham esse feitio avesso ao uso amplo de adjetivações, metáforas, imagens naturalistas e depoimentos próprios expressando experiências compartilhadas; mas, sempre propensos a citar autores consagrados, ou livros implicando um conceito de verdade consensual, correspondente a um uso ritualístico, tradicional e fideísta – “objetivações culturais”. A realidade referida ao sensório - trazendo o conhecível, inegável, mas de difícil descrição, e, com frequência, em choque com as representações - tende a ser evitada ou banida, permanecendo numa zona de cegueira, penumbra selvagem, à margem, fora do âmbito da cognição bem ordenada e devidamente cultuada. Nesse contexto, distante das fontes contempláveis e admiráveis do conhecimento, a comunicação acontece envolta em suposições sofisticadas, subentendidas e imprecisas; o conjunto das noções e elementos, naturalmente integrando os assuntos fundamentais é, linguisticamente, fracionado, desintegrado: percepções claras, possíveis, reconhecidas como verídicas, ou reais, pelo conjunto mais universal dos que se comunicam em âmbitos menos carentes de experiências próprias, imediatas, são censuradas, não adentram o mundo das metáforas e ideias desenhando os projetos e as teorias refinadas liderando a cultura – como uma horta hidropônica alimentando um supermercado de gêneros enlatados e industrializados, artificialmente enriquecidos, mas desnutridos de realidade. A comunicação pode acontecer mais clara e precisa, quando o conjunto de elementos integrando os assuntos fundamentais é, linguisticamente, representado, integralmente; quando noções e percepções possíveis adentram, sem censura,

² O HOMEM E A FILOSOFIA - Carvalho, J. M; O homem e a filosofia; pequenas meditações sobre existência e cultura; Capítulo II, Existência e cultura; 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007; p. 42.

o mundo das metáforas, ideias e projetos: apontando-se nas teorias, sem restrições, todas as dimensões importantes, reconhecidas como verídicas ou reais, pelo conjunto mais universal dos que se comunicam. Em última análise, o plano linguístico, para bem simbolizar, evocar um sentido existencial, conceitualmente válido, pleno, norteador, há de ser atrelado e referir-se a uma natureza ampla, apta a ser compartilhada em todos os azimutes.

A discussão de um assunto teórico filosófico, como “o sentido da vida”, ou, “o rumo existencial”, não pode ser pleno e completo, devidamente representado, enfatizando apenas movimentos de qualidade “histórico-culturais”, menos ainda quando referido a etnias e agrupamentos específicos: faltaria, nesse roteiro, o cenário e o suporte principal, o script estaria órfão de mãe e pai, de “sentido” propriamente dito, da geografia por onde a estrada e o veículo, necessariamente, devem passar, e onde o rumo acontecendo se determina e amolda. A viagem existencial possui uma forma natural, acontece em uma paisagem terrena e planetária, num universo físico: uma descrição não abrangendo esses elementos, i.e. , omitindo ou descuidando da interação, ou interface, entre o ser e a sua natureza mais imediata, próxima e concreta - o existente, seu corpo pessoal e transpessoal - não pode fazer jus ao estado-de-ser essencial que de fato acontece, verídico, real e universal, transcendendo a cultura.

O “rumo existencial” assemelha-se a um conjunto de relações e formas: triângulo posto em círculo, evoluindo como fenômeno; formas inscritas num quadrado, ou contexto psicofísico; movendo-se tensionado entre “origem e destino”, movimento espiral. Um rumo existencial, em busca de sentido, configura uma triangulação viva e naturalmente circunstanciada, processo dinâmico orientado pelas escolhas do ser. No plano humano - escala que nos condiz - essa trindade operante configura: 1) o sujeito atuando e criando; 2) o modo de operar e fazer critérios e valores; 3) os resultados e produtos culturais. Resultados que se automatizam nas engrenagens dos hábitos e mimetismos, cristalizando-se em “objetificações culturais” acompanhadas de uma coorte de manuais - bulas, regras, etiquetas, leis, normas, editos, decretos e catequeses, às vezes cortesias; mas, devorando o meio.

Desenhada a partir da ponta afiada e grafítica do momento presente, a vida se parece com uma “cyberland”, expressão poética da natureza a perambular nas páginas sem retorno do espaço/tempo. Vacilando em busca de equilíbrio, como o trem das cordilheiras, os quadros da história seguem uma via margeada por dois espaços virtuais e paralelos, dois polos de atração, dois “atratores” definindo uma gestalt bifásica, ou duas linhas posturais dinâmicas e polares. De um lado, atraindo, o “polo da sustentação - fase ergotropa”, deturpado em manipulação conservadora, parece querer usurpar a direção, impondo seus faraônicos delírios de prepotência, tentando consolidar uma pirâmide de papel. Do outro lado - creditando a direção das coisas humanas ao fenômeno praxiológico - a fonte e “polo da inspiração - fase trofotropa”, nas asas da intuição, irradia amor, beleza, sabedoria, renovação, confiança e esperança, apontando a ordem espontânea onde, um dia, se assentará a verdadeira sociedade dos humanos .³

O processo vital, sendo produtivo, implica em mudanças simultâneas nos três pontos do fenômeno; a trindade se transforma na dinâmica dos fatores operantes, em proporções variáveis, tanto na interface ecológica quanto na humanista - eco-humanista. Nos termos filosóficos atuais - desde os princípios introduzidos pelo cartesianismo e spinozismo - o processo evolutivo é descrito como acontecendo enraizado no fluxo dos dois atributos, uma trilha íngreme, serpenteando nas cordilheiras, entre dois vales profundos: ou “substâncias fundamentais”, apontadas como “extensio” ou dimensão ecológica; e a “cogitatione”, ou dimensão humanista, cultural, seja, a “substância pensante” cristalizada e veiculada pela cultura, objetificada, e suportada, bem ou mal, pelo enquadramento referente ao âmbito natural. Um processo firme como uma mesa, traçado entre pontos enquadrados na grande e sempiterna cruz universal, exigindo fluidez, transformação cíclica, ponderação, constante atualização, adaptação e (re)dramatização – não significando, necessariamente, um calvário.

³ Barbier, Régis Alain; De habilis a sapiens: a anamnese de uma crise – Recife: Ed do Autor, 1998; p. 107.

DA SABEDORIA JÔNICA

Uma cruz de madeiros iguais onde o braço de baixo simboliza o sul, impulso universal, as raízes, o que vem antes de tudo; na imaginação geral, a serpente como um rabisco sinuoso e flexível, uma risca, iniciando todas as figuras e histórias (por mudar de pele, ser flexível e ter forma de microgameta). O braço de cima, o norte, simboliza brotos e ramos mais distais da árvore, é o reino dos pássaros, da águia ou do condor, a abertura para a imensidão, a consciência ampliada, o júbilo, a inspiração e sabedoria: é o par das asas do desapego, um voo em busca do mistério, o depois. De um lado, o braço da esquerda simboliza o sol, o leste; o espanto intuitivo, o despertar; o início do dia e da jornada; a semente; o canto de cada um, a ação; o detalhe de cada momento; a precisão, visão clara da matemática, da geometria e da gramática, a lógica: é ciência ecológica, heliotrópica. Do outro lado, o braço da direita, o oeste, simboliza a lua; a serenidade, a maturidade e a fruta; o final do dia, o recolher; é o mundo da imaginação, da poesia e da arte, da entrega e do repouso, da dissolução e dos véus. O centro da cruz é o estado atual; uma flor aberta, uma rosa com beleza e espinhos; é o lugar onde tudo se expressa; o infinito presente que se renova; o ponto vetorial dos braços da cruz, o centro do círculo onde a vida é regida.

O símbolo mais completo e virtuoso do fenômeno existencial, em toda a história da cultura, é o símbolo da cruz grega, jônica, de madeiros iguais, significando, ao mesmo tempo, as direções e virtudes cardeais: trata-se da encruzilhada existencial, advertindo, na sua via, ou eixo vertical, a multiplicidade das formas, das suas criações, dissoluções e transmutações, e, na sua via transversal, ou eixo horizontal, os horizontes entre os quais giram os ciclos. Na base do eixo vertical, a criação e manifestação se representam como formas serpentes, e, no topo, a dissolução como as asas abertas da águia, ou do condor; o ninho das serpentes e igualmente o do condor, o ninho existencial. O eixo transversal representa os horizontes entre os quais giram

os ciclos, de um lado, o dia, do outro lado, a noite: nascer e morrer, sol e lua nas cordilheiras. Na interseção desses eixos surreais, no centro da encruzilhada, está o ponto atual, o momento presente da vida, como uma rosa sempre viva, cujo cultivo e memória desenham cultura e história, impérios surgindo e caindo; mas, cuja atualidade imediata configura o jardim perenal. Essa alegoria ilustra, precisamente, que a apreciação do fenômeno integral abrangido pelo termo “metafísico” não pode ser rota, deslocada nas abstrações excessivas de uma temporalidade futura, sem perder a plenitude do seu sentido, que, por definição, inclui, em união com arché, o que é físico, physis. Tal deslocamento, resultante do intento de conhecer a existência através dos matizes redutores da lógica matemática, ou dos dogmas formulados pela tradição, permuta e rompe o que é metafísico, trama e suporte fundamentais do ser, em ideias, pensamentos e opiniões, onde a intuição, igualmente estética e racional, cristaliza em conceitos, o mistério impenetrável degenera em dogmas e segredos sacerdotais, a inefabilidade em esoterismo: os idealismos ligados a teleologias hipotéticas, a metas desconectas e distantes, reduzindo a realidade, o cerne existencial da ação humana e da vida, nos seus confins, transcendendo quaisquer descritibilidades em projetos a longo prazo - salvação eternamente postergada. Instaura-se uma ideologia carente, exigindo, como substituto vital analógico, um fervoroso anseio de religação, uma ânsia geradora de religiosidades vãs: a unidade, por causa, não se pode encontrar em ‘lugar futuro’; mas, retornando ao real, em harmonia, absorvido no íntimo unitivo e pontual do momento.

DA METAFÍSICA

Porvir, existindo um além;
Seguirá decorrente do criado:
Inferno, o paraíso querendo;
Paraíso, nada querendo além.

O termo metafísico aponta o poder vital-universal radicalmente atuante: no universo humano, configura o acionador, potencialmente consciente, da transmutabilidade autopoietica. Quando ciente e virtuoso, acionador bem

focado e centrado, como um fulcro, atua associado, em sintonia harmônica com o aqui e o agora: é o ponto atual e vivo, no centro físico da cruz universal; a existência é real, plenamente ressentida - nas encruzilhadas, “o filho de Deus é livre, coroado de rosas perfumadas”. Quando atirada, imaginada como estado-de-ser futuro, a metafísica decai em “met-afísica”, meta desincorporada, sem physis, miragem sonambulando, enfeitiçada, em tensões antagônicas; um deslumbramento maniqueísta, enraizado no antigo zoroastrismo, ideologia religiosa alastrada a partir da Pérsia, onde a existencialidade, naturalmente centrada e plena, degenera num conflito, que, nas luzes e sombras vacilantes da consciência, projeta-se como uma “luta universal”: configuram-se infernos e paraísos, supliciando a dialética comunitária em embates, rixas e guerras – “o filho de Deus crucificado, coroado de espinhos, agoniza esperando um paraíso, além” . Histórias e culturas aprumadas, centradas e focadas, ou não; civilizações desenhando jardins horrendos, aterrorizantes, ou belos, frutificados em bondade - jardineiro e jardim justos, prudentes, corajosos, comedidos e amigos, na dependência da exatidão, precisão e lucidez dos rumos desenhados no contexto.

A carruagem é puxada por um cavalo, guiado por um cocheiro a serviço de um dono. A situação mais dramática acontece quando ambos, cocheiro e patrão, estão dormindo. A viagem fica por conta do cavalo simbolizando as emoções desenfreadas. O estado de crise exemplifica esse comando. Uma visão (de si mesmo no futuro) dá origem a uma emoção (angústia) que gera uma reação (defesa e fuga) que leva a um resultado (um buraco na camada de ozônio). A situação de maior domínio acontece quando o dono da carruagem, já consciente de sua força criadora, comanda o cocheiro que dirige o cavalo na direção escolhida; é o reencontro da palavra perdida. O senhor da carruagem sabe até certo ponto – um ponto a se conhecer por experiência - ser a causa das suas circunstâncias. A vida passa a ser uma produção, mas o autor sabe a si mesmo “esquecer” para viver como um simples personagem nos cenários por ele desenhados.

O dinamismo vital e as escolhas são impulsionados e modulados ao longo de vetores inerentes à expansividade da natureza e da vida biológica, aptos a serem entendidos como emanando a partir destes dois grandes atributos reunidos, apontados na alvorada da filosofia clássica e moderna: os motivos existenciais, efluindo em quatro dimensões; duas espaciais e duas temporais, sendo as dimensões espaciais, primeiro, a dimensão natural e, segundo, a dimensão cultural, da polis; e as dimensões temporais, primeiro, a dimensão atual, presente, experiencial, e, segundo, a dimensão histórica. Portanto, esse processo existencial, como uma carruagem de dois eixos e quatro rodas, é cambiante, transmutante dentro do enquadramento e círculo dos seus princípios inerentes e dos seus limites; determinados, primeiro, na base, pela natureza e o momento, lugar exato onde tudo pode ser mudado, e, secundariamente, pela cultura e história, brotando, através das escolhas que se implementam, por sua vez embasadas nas cosmovisões do estado-de-ser, do sentido atribuível à existência; dirigindo as ideias que se faz do mundo – filosofia, senhora da carruagem. A filosofia naturalista, e presencial, é essencial, prima, como um corpo desnudo de criança; a filosofia histórica, e cultural, é secundária, como adereços de reis. As ideias mais profundas são definidas e consolidadas em teorias metafísicas pelos pensadores influentes. O exame da metafísica atuante ou das metafísicas em atrito, a ponderação das correlações e sintonias com a natureza dada a ser [correlação sintônica, prudente, lógica e sensata; ou, ao inverso, dissintônica, imprudente, ilógica e insensata], permitem prever as escolhas existenciais, definir o rumo civilizacional, societário, cultural, individual, e projetar expectativas globais e destinos por vir.

Elevar “usos e costumes culturais” a estatuto de objetividade ou “realidade objetiva” (as “objetivações”) é invasivo como a conquista da América do Sul, é usurpação radical: tende a confundir os intelectos, misturar os atributos, introduzindo um deslize cognitivo, um desrespeito servindo de termo médio, de trampolim, para propor uma relação onde “meios, recursos cognitivos e relações intersubjetivas” se confundem e se igualizam com “objetos naturais e dimensões etológicas”: un coup d’etat! Imaginar e entender valores, usos e costumes, como “substancializados em objetos culturais”, remove o etos das suas raízes naturais, tende a confundir subjetividade e objetividade, portanto

diminui a acuidade da distinção entre o “sendo-aí”, o que é, simplesmente, como noção imediata e vital desprovida de hipóteses e pré-concepções, com o que decorre, amplamente, dos modos “culturais”, i.e., planificados, educados e impostos, de entender e fazer. Tal paralogismo empobrece o entendimento filosófico, implicando uma profunda ruptura simbólica com o verdadeiro estado-de-ser, uma dissociação introvertida da subjetividade, um descarrilamento com grave perda de significado, o desentendimento - por carência de espontaneidade e sentido imediato - de uma relação inseparável: a unidade existencial entre o “ser” e o seu “estado”. Vontades infundadas, desejos hubrísticos nas suas pretensões, imiscuem-se na existencialidade como se, do estado-de-ser, fossem curvas de nível, formas e inscrições originais do movimento universal.

Gestos, etiquetas, organizações sociais e políticas, sistemas econômicos fiduciários, constituições, usos e costumes não são objetos nem coisas, apenas rotinas, posturas, tradições, modos cristalizados e rígidos de fazer e operar, escolhas: não expressam, necessariamente, a natureza real do estado-de-ser, nem refletem as opções mais sensatas. Se o “ser”, em si, “espírito puro” e sem atributos fosse essência, a sua grande virtude seria a lucidez de reconhecer-se como “estado-de-ser”, mantendo sintonia e identidade natural, inquebrantável, com o uso e costume universal, kosmikós: essência é a luz da razão naturalmente operante, situada H. Sapiente, e ciente de si, como estar-e-ser no meio do mundo ou das coisas - o conceito de divino só pode ser concebido como estado-de-ser⁴. Para nós, integrantes de uma sociedade insana, à beira de uma apocalíptica falência civilizacional, um desastre cultural e global, o “novo” é muitas vezes o antigo que não se soube reconhecer a tempo, por estar preso, anuviado, mitificado, nos espelhos de idealismos elitistas, egoicos, ilusões sectárias, tribais e nacionais. O âmbito da natureza e das relações circundantes, na interface eco-humanista, só pode ser apreendido e conhecido, rompendo o espelho, por intermédio: 1) da intuição racional e estética, da contemplação, do exercício do intelecto sensível em busca de noções primordiais e conhecimentos não instrumentalizados em pré-concepções históricas; e 2) da ética fundamentada no etos referente ao estado-

⁴ Compreensão radicalmente diversa do conceito mor de Julius Guttman: “Deus só pode ser pensado como espírito” – Guttman, J.; A filosofia do judaísmo; SP: Perspec.; 2003; p. 339.

de-ser (eco-humanista) espontaneamente revelado à luz da razão e exercitada na arte da dialética livre e irrestrita e das práticas educativas prospectivas, incluindo uma reflexão crítica sobre a educação: estética e ética, configurando as margens da via e resultando numa linha e tradição de saber igualmente passível de apontamento.

Na China, na alvorada da grande expansão do budismo, Hung-Jen, pressentindo o seu fim, resolveu abrir um concurso para escolher o novo mestre do monastério: os candidatos deveriam compor uma “gatha” (sentença versificada) onde exprimisse sua compreensão. Shen-Hsiu, versadíssimo nas escrituras, aplicou-se e resolveu dependurar num dos corredores do monastério uma gatha impecável:

*" O corpo é a árvore da iluminação,
O espírito é o suporte de um espelho brilhante.
Limpa-o constantemente, sempre alerta,
Para preservá-lo da poeira do mundo."*

Huei-Neng, um noviço analfabeto, pediu para que lessem os versos e, de imediato, compôs outros, encarregando um monge de lavrá-los:

*"A iluminação não é uma árvore,
Nem o brilhante espelho um suporte;
Não havendo coisa alguma, como
A poeira depositar-se-ia?"*

Hung-ien, ao tomar conhecimento dos versos de Huei-Neng, decidiu transmitir-lhe a função.

A verdadeira profundez ontológica da gnosiologia não é a “transmissão histórico-cultural” - que só será profunda quando pacífica como as campinas, clara como o mar e complacente como um horizonte -, não é um agregado onanístico de “objetificações culturais e ser”: é a junção mística, apenas aberta

à contemplação, do ser e do estado, como um reflexo profundo, um lago nas cordilheiras, um Titicaca, um olhar de mulher-mãe, refletindo um céu de estrelas; compartilhando o mais real, profundo e sensato, o imo verdadeiro que a natureza colocou em todos da mesma forma, vibrando absoluto e real entre a “retina do estado” e a “luz do ser”, intervalo místico onde enraízam, antes de todos os desvarios, o sangue do Logos, o ânimo universal, que cada um reflete e traz em si mesmo, simplesmente, por ser o que é: natureza humana, assentada calmamente, sem ter de agir, fazer ou buscar; já estamos na essência, na morada dos deuses, no Olimpo. A verdadeira razão vital é qualificada, é verbo, nunca foi adjetivo ilustrativo das razões históricas: o que vem primeiro é primo. A essência da gnosiologia encontra-se no centro atual e presente, de ser vivo, revela-se vital quando capaz de dar morada ao outro, no contexto do encontro, num constante exercício em favor do desenvolvimento da autonomia, construindo e redescobrimdo saberes vivos, num cenário em que professor e aluno, estado e cidadão, não se reduzem à condição de objeto um do outro, não se instrumentalizam – saber não se adquire transferindo conhecimentos cristalizados, como haveres; mas, criando possibilidades reais e honestas para o seu surgimento, como nos métodos freireanos⁵.

DA EXPERIÊNCIA E CULTURA

Atribuir “objetividade” aos valores culturais, por serem generalizados e comuns, desvaloriza e aliena a grandeza original do real, induzindo a uma inflação, ou inchaço, do plano das ideias e condicionamentos culturais, alimentados com o sopro das presunções sectárias, fogachos citadinos, até à formação de bolhas existenciais idealísticas e irrealísticas, dissociadas, distraídas do contexto basilar planetário; mas, querendo perdurar, soberbas, iludindo dominar, por isso destinadas a romper, percutindo na rocha da natureza concreta, em profunda e destrutiva recessão e depressão, tanto em nível individual quanto societário ou civilizacional. Insano é o desconhecimento - ou o desrespeito ganancioso - da necessidade de uma relação monetária razoável, lastrada e transmutável, em valor real, em ouro ou

⁵ Refiro-me à filosofia do método educativo de Paulo Freire.

prata, sob pedido e de imediato, em vez de uma fidúcia prepotente, não redimível, flutuando ao léu dos desejos exuberantes e infindos dos plutocratas: insânia paralela, complementária, coligando, nas mesmas dormentes, os malefícios mercadológicos decorrentes da “fiat money” com os males resultantes de movimentos e projetos de desenvolvimentos socioculturais, ditos “vitais”, mas apoiados em motivos políticos não adequadamente ponderados à luz dos valores naturais e perenes – a trilha da perdição. Nessas correlações societárias, monetárias, políticas e culturais, sem lastros naturais, ocorrem: a) de um lado, o implemento de um sistema monetário sem valor intrínseco devidamente cunhado na realidade e atualidade dinâmica do processo existencial, realmente compartilhado em círculos abertos, ao serviço de pseudovalores, apenas simbólicos, conservadorismos históricos, sem redenção nem lastros, atribuídos, orquestrados e regidos por um círculo dominante de tecnocratas assalariados, abrindo a porta ao monopólio absoluto da economia, ao abuso inflacionário, ao desregramento da capacidade produtiva, por dispersão e desperdício energético em projetos irrealísticos, seguidos por falências, depressão e caos socioeconômico e cultural: empobrecimento real e progressivo; b) do outro lado, confundindo valores reais, embasados e lastrados no etos genérico, específico e verdadeiro do estado-de-ser, definido à luz da razão simples, prudente, atenta e natural, desprovida de preconceitos idealísticos, em favor de pseudovalores impulsionados e decantados por intermédio de conquistas, imposições e pressão midiática, na força de eleições plebiscitárias obrigatórias, tradicionalmente sustentadas em fidúcias, resultantes de jogos de influências e poderes condicionados por meio dos processos educativos monopolistas e sectários, típicos das igrejas e estados, levando à formação de massas insanas, obnubiladas, à formação de povos uniformizados, massificados, sem criatividade nem cultura genuína, sem visão, incapazes de agir e ajuizar em sintonia universal.

Uma observação, tipicamente culturalista, como: “a humanidade aumenta seus conhecimentos; em sua história, acumula sabedoria com o que viveu (...) para enfrentar os desafios (...) a humanidade encontra-se cada vez mais aparelhada para criar o seu futuro e isso ocorre porque, a cada dia, ela reúne

mais conhecimentos (...) e os novos desafios pedem novas soluções (...)”⁶; no contexto dessa discussão sobre o rumo existencial, afilia-se ao idealismo hegeliano. O conceito carrega: 1) o termo implícito de “evolução necessária”; e 2) conota que processos ativos de objetivações, “o ato se fazendo rotina”, reforçados pela aplicação de conceitos recolhidos no âmbito do mundo cultural, configuram as turbinas dialéticas positivas do processo evolutivo.

Nas articulações socioculturais assim definidas, onde projetos elaborados, escolhidos em gabinetes e propagados midiaticamente, são “eleitos” e reaplicados no caldo cultural, um racionalismo comprometido e preconceituoso, fenômenos quantitativos predominam em progressão geométrica, na moldagem de uma visão desassossegada. Não se manifesta, valoriza, ou confere, um método intrínseco, não normativo e não alienado, capaz de promover a superação e distinção dos progressos conservadores populistas do ‘sábio’, criativo ou excelente. A propaganda vitoriosa, advinda de historicidades invasoras, desrespeitosas, guerreiras, predominantes e jerarquistas, promovidas por intermédio do monopólio do sistema econômico fiduciário, configura a massa informática comum misturando o vulgo com o precioso; não obstante, a sabedoria ainda reluz, original e criativa: ela advém, em todas as reflexões e histórias, de um contato unitivo, fértil, germinativo e esclarecido do ser humano com a sua natureza correspondente, consorciada e específica. Um contato exigindo uma pureza de criança, o esvaziamento máximo dos preconceitos, um mergulho no caos original e indiferenciado das mais radicais incertezas, até ao advento das dúvidas e ceticismo mais intenso, acoplado a uma perspectiva estética aberta, admirativa, geradora de reverente espanto frente ao que é original, sem condicionamentos históricos e culturais. Desconsiderar, genericamente, a natureza, com frequência vista como “entorno e realidade brutal e inóspita”, impede de reconhecer o oposto como sendo, obviamente, a verdade mais real e fundamental: afinal, se a fórmula fosse ponderada e justa, de fato [natureza igual (=) a entorno e realidade brutal e inóspita], então, não haveria nada vivo, nem humanidade, habitando a casa! Imaginar-se uma criatura sapiens, portadora de amabilidade e receptividade vinda do nada, dominadora inata de uma natureza brutal e

⁶ O HOMEM E A FILOSOFIA - Carvalho, J. M; O homem e a filosofia; pequenas meditações sobre existência e cultura; Capítulo II, Existência e cultura; 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007; p. 40-41

inóspita, é francamente esquisito; desconsiderar a dádiva natural como a fonte primordial de tudo quanto há, transpõe o reconhecimento, aberto a quaisquer biólogos, de que é da natureza que jorram as raízes profundas da “ontognoseologia”: o gregarismo e o altruísmo são, inegavelmente, elaborações dos instintos de preservação do indivíduo e da espécie, portanto desenhados e talhados nas relações vitais eco-humanistas, primordialmente, e sem intervenção dos agentes culturais, esses sim, sendo o palco “muitas vezes brutal e inóspito” de onde surgem, motivados por razões, tradições, idealismos e teologismos hediondos, os hábitos não naturais, planificados em conclave, da caça às bruxas, dos genocídios, holocaustos, cruzadas, imposições e guerras santas. O acultramento vem depois da agremiação e concreção biológica dos seres: e, um processo civilizatório desprezando a natureza, como sendo o segundo mestre depois do vazio, não se abrindo à contemplação silente de onde mana e enraíza: i.e., o maravilhamento e espanto desvelado pelos cétricos duvidosos dos argumentos e valores automaticamente repicados - como, em geral, pelas sociedades estatais e de massa -, só pode ser portador e transmissor de uma cultura imprópria, falha, destinada a ruir.

A desconsideração desses fenômenos, bloqueia a compreensão profunda do ser humano in loco, entrava a implantação dos princípios praxiológicos capazes de elevar o estado de ser-dado-humano ao seu pináculo, fecha, dificulta e proíbe o acesso a uma fonte vasta e segura de princípios enraizados e imbuídos na natureza (espontânea e objetiva), imunes em relação aos doutrinamentos ideológicos, aos desvios culturais destrutivos, geradores, ou amplificadores secundários, de todos os grandes conflitos societários. Desacordos indignos da verdadeira natureza humana, acidentalmente inscritos na história e cultura, exemplarmente, a partir da conquista da Jônia por Ciro II, passando pelas conquistas imperiais, cruzadas, guerras nacionais, mundiais, até este domínio global - que haverá, certamente, de ser denominado de “a cultura global da insciência e dos moedeiros de papéis” - juntos com todos os genocídios e holocaustos agregados - todos, fenômenos e desvarios culturais, sem exceção.

Argumentar que “experiência e cultura não são sinônimos, mas termos complementários⁷” desvirtua uma mais justa e exata compreensão da realidade, onde “experienciar” implica, simplesmente, “existir”. Existência e experiência não são sinônimos, mas termos complementários; cultura é fenômeno agregado e bom, quando embasado no etos, derivando em ética assentada em estética, ruim, quando o processo repica objetificações e reificações alienantes, imersas em ética elitista e normativa, não deliberativa, pretendendo ser mais de que natural. Existir, antes de dar-se em “cultura”, dá-se in “natura”, é fenômeno biológico; experienciar é basicamente um “naturar” suportado nas mediações interativas de uma trindade de fatores indissociáveis, centrados na humanidade que é o loco onde o que imagina-se ‘ser’ nos determinismos idealísticos da cultura vigente [necessariamente in situ] comunga um estado (de ser) inserido no centro de cada referente e atos conscientes: 1) o mundo natural; 2) com a aptidão de apropriar-se de modos, critérios de valores e experiências, talhados na autopoiese; e, igualmente, 3) as formações culturais, amadurecendo tardiamente, bem ou mal, na orla periférica do processo evolutivo. O plano mais profundo, central e original, a raiz plena e absoluta de todos os significados, é, necessariamente, pré-linguístico, é a experiência própria do estado-de-ser [humano], existencialidade talhada na interface eco-humanista, centrada e silenciosa, oceânica, na sua profundidade interior, apreciável esteticamente, contemplável. Nas formas míticas, nas abstrações mais intensas, abertas aos que sabem mergulhar na experiência, em apneia e sem artifícios: o silêncio e o ser se confundem e se identificam lentamente na amplitude infinita, no pivô regendo o nascimento e a morte, e, apenas depois, despertando, lentamente, ondulando, a ideia e a fala se confundem, unidas no ímpeto atualizador e criador da natureza: nada indica haver, em lugar algum, algo como um “predomínio natural, necessário e sensato, das falas da tradição”, não há sinais apontando ser sensato pôr, numa arca, como hábito cultural, as “falas do passado” redizendo-se para sempre - “gramofonias” nas bocas dos que vivem. Os verdadeiros valores e riquezas culturais não se incorporam, imitam ou redizem: criam-se, vivificam-se, de novo, ao vivo.

⁷ Reale, em *Experiência e Cultura*, 1977, citado por Carvalho J. M., p. 41, ib.

DA AFILIAÇÃO DO DISCURSO

Quando a linguagem começar “a falar por si mesma”, em siglas, estilos e hábitos, nas suas bocas, ô cidadãos, terão sido objetificados, alienados, reduzidos a psitacídeos, dominados por uma parte carente de integração, opositiva e narcísea!

A experiência real, essencial, é centrada, ocorre no imo e mistério do fenômeno humano, onde cria-se e sustenta-se o estado-de-ser ciente, abrangendo a vastidão das noções imediatas do estrato vital, sensível e perceptivo. Não é abstrata, idealística, nem testemunhada como escalonada num tempo relativístico: a experiência de si e do mundo é atuante e operativa, viva no centro substancial destes fatores: 1) estado físico, 2) ser senciente, perceptivo e cogitativo, lucidamente reabsorvidos e agregados num só pulsar existencial de onde jorra, germinando, a camada etológica mais profunda e específica da humanidade cuja essência é presença, unicidade e universalidade, uma trindade absorvendo e transcendendo em atualidade todas as diversidades, todas as configurações, inclusive históricas, num sentido amplo, plausíveis ou fantásticas. Essa concepção é aqui denominada “razão qualificada” para denotar a reabsorção e reintegração das apreensões e potenciais levantados pelas noções clássicas de intelecto racional e sensível em uma substância unitária e primordial. Nas suas propriedades ontológicas e gnosiológicas, tal notificação supera o conceito culturalista de “razão vital e histórica” de Ortega y Gasset, onde a razão, antes rompida em “pura” e “positiva” nos embates iniciados no modernismo, passa a ser “histórica e vital”, vertida numa demarcação vivencial reduzida a um processo sociocultural e histórico desconsiderando claramente a base primoponenda, naturalista. Esse ponto de vista genérico [ou “genocêntrico”, numa das expressões atribuídas a E. Morin], se bem que qualificado e real, é possivelmente alienável: é palavra esquecida, lugar perdido, na repressão dos insights, da escuta profunda e contemplativa, na ausência da sabedoria e coordenadas adequadas; mas, ainda assim, tão drasticamente fundamental, que pode ressurgir nas proximidades críticas, na orla das desilusões, “dar-se à luz”, renascer, como a partir de um útero revisitado: pachamama, mãe-terra, ventre de mulher,

tabernáculo do primeiro ponto criativo a partir de onde se configura um sentido de si e do mundo, antes da “queda” nos enredos e tentáculos socioculturais. Tentáculos de papéis, engramas, modos de estar singulares, egoicos e desnaturados, porque imbuídos da ambientação global definida por agrupamentos estatais superestratificados, impregnados de violência desde a sua origem: desrespeito institucionalizado, dominância coligada numa grande e global plutocracia assentada em crueldade e credulidade. Formações sectárias políticas e teológicas prepotentes, encasteladas, sonhando e fantasiando transcendência nas abstrações utópicas de um porvir histórico futurista, imaginando uma entrada transsubstancial, aclamada, num merecido além celestial, sobrenatural, livre dos determinismos naturais; idealismos extrapolados, absolutismos fiduciários cristalizados em objetificações urbanísticas e culturalistas, metafisicismos sem vigor, fideístas; em todos os níveis, sem razão, sem lastro nem respeito naturalista, fenômeno dissociado frente à realidade existencial, como inexoravelmente dada a ser; inflações reativas, expressões reversas e catastróficas, envolvendo sentimentos de angústia e fragilidade, torcidos em sonhos de grandeza, desejos egoicos de permanência, ancorados a um conceito primitivo de divino, figura antropomórfica: Deus, grande chefe sectário e tribal.

A linguagem não foi criada como instrumento para melhor realizar trocas cognitivas, circulando entre "objetificações culturais" e “fenômenos subjetivos”, gerando atos refletidos e pensados, em relação com raízes históricas, desenhando sentidos ajuizados por intermédio de escalas padronizadoras, aptas, pela sua antiguidade e tradição, a detectar o valor dos conceitos em termo de predomínios midiáticos, de aceitação geral, força coletiva e sucesso, como indicadores de adequação e bonança. Linguagem de verdade, lúcida, criativa, viva, não testemunha nem regula a habilidade dos jogos formativos das culturas vencedoras, como via válida de valores éticos. Isso é linguagem de máquina, o verbum dos programas assim concebidos; mas, a arte de falar pode ser entendida e usada dessa forma: trata-se dessa linguagem falando por si mesma, em progressão geométrica, como fungos, nas bocas dos que introjetam o que dizem os ventos da cultura - trata-se de uma opção.

Olá, Guardador de Rebanhos - Alberto Caeiro

"Olá, guardador de rebanhos,
Aí à beira da estrada,
Que te diz o vento que passa?"

"Que é vento, e que passa,
E que já passou antes,
E que passará depois.
E a ti o que te diz?"

"Muita cousa mais do que isso.
Fala-me de muitas outras cousas.
De memórias e de saudades
E de cousas que nunca foram."

"Nunca ouviste passar o vento.
O vento só fala do vento.
O que lhe ouviste foi mentira,
E a mentira está em ti."
O vento só fala do vento.

A linguagem, de verdade, é expelida do útero vocal, oriunda das onomatopeias e gritos apontando e referindo-se a fenômenos perceptivos talhados nos contatos e atritos gozosos e dolorosos do corpo com a natureza, num sentido amplo: a capacidade de simbolizar é posterior à experiência simbolizada. Os símbolos linguísticos configuram um fac-símile ideal: realidades virtuais, subjetivadas, aptas, dentro dos limites impostos pela natureza, a serem projetadas e motivarem execuções no âmbito físico ou sociocultural, com mais facilidade, no próprio cerne da cultura a partir de onde as palavras germinaram, o escopo societário mais afim. Ao que tudo indica, no processo formativo, a natureza como dada a ser, produção astronômica, permitiu, em certo estágio de evolução autopoietica, a elucubração, pelas criaturas, de gritos, como objetificações acústicas e vocais de emoções - vermelhas, quentes -,

depois, símbolos balbuciados, pré-digeridos e ruminados, lembrando e se referindo às emoções; mas, pela repetição das introjeções e corporificações, já “moídas”, ou atenuadas, em sentimentos - tépidos, dourados, rosados e verdes. Uma vez desenvolvida a contento, a simbologia adquire produtividade secundária, superposta ao dinamismo da vida natural, podendo, na dependência das impressões, na qualidade das experiências disponíveis, da educação e predomínios de ideias e conceitos, fascinações e subjugações, levar à gestação de “bolhas culturais”. Bolsas culturais de tipos e caracteres diversos, idealistas, absolutistas, humanistas, ou idiossincráticas como pseudociências: a Idade Média, o Renascimento, e, hoje, esse mundo virtual e globalizado, insuflado por intermédio de uma doutrina econômica fiduciária, uma teologia idealística e fideísta, psicologismos e cultismo; um movimento culturalista dito filosófico, sem lastro naturalista, sem mastro: empreendimentos falidos. Trata-se de uma bolha imensa, na longa sucessão dos capítulos da história, comprovada, insensata e destinada a ruir como um imenso zepelim Hindenburg. Não é na natureza do fenômeno, ser, necessariamente, dessa forma insensata, desatrelada do real, entre parênteses políticos, teológicos e analíticos radicais, impostos com dogmatismos, desrespeito e imprudência, por isso, destinado a romper e cair como um gigantesco e insolente ícaro; a esfera simbólica poderá permanecer germinada, em estudo, num longo tempo de gestação dialogal e ser cuidadosamente executada ou implementada de acordo com as medidas implícitas na experiência galgada a partir da conexão genuína, primária, basilar, do estado-de-ser, i.e., de acordo com os insights essenciais tecidos à luz da razão natural, da sabedoria filosófica propriamente dita: saber resultante de um mergulho em si (um aprofundamento desprovido dos adereços e influências culturais ideológicas), universal, cósmico, evocando os princípios e fundamentos sobre os quais a vida se organiza, com virtude e aptidão de reconhecer o seu lugar, origem e destino, de acordo com a experiência original, imediatamente detectada no ato mesmo de existir, radicalmente afastado o cálice inebriante das interferências conceituais advindas dos que imaginam ser mais do que são: “sobrenaturais”.

O discurso culturalista confunde modos de ser e critérios, decorrentes de influências culturais, embasados em ideologias dominantes com o “ser do homem”; confunde comportamentos possíveis, no caso, expressividades

libidinais, hábitos dominadores, elitistas e hierarquistas, com identidade, existencialidade, ou “natureza humana”. Com frequência, elabora e aplica essa retórica, de acordo com o posicionamento metafísico dualista, sobrenaturalista e transcendente (DST), reconhecido e aceito, portanto escolhido, e impregnando o discurso de uma injunção dogmática inerente, preconceituosa do ponto de vista da razão e do bom senso filosófico, no intuito: 1) de distanciar o discurso da sua afiliação naturalista impreterível [silêncio e ser despertando ideia e fala, o som e a voz dos humanos em pautas de prosa]; 2) e usar os limites da lógica matemática binária, analítica, como fonte de incerteza, justificando imiscuir uma necessidade de fé e decorrências idealísticas hegelianas no ajuizamento de valores existenciais. Ora, a afiliação humana à natureza é inalienável, fundamental, impregna os tecidos, humores e motivos; suporta o fluxo do pensamento, o conteúdo das ideias, dos sonhos e dos mitos, todos postos em planos existenciais orbitando em ciclos e fases de escuridão e clareza, num plano basilar de diretrizes envoltas num horizonte de mistério, silencioso em todos os planos da atividade do ser conhecido. A unicidade não se deixa capturar nas redes da lógica matemática, em todo caso, não mais evocando normas rígidas, dogmas, para os que, renascidos como crianças, sabem contemplar além da trama das ideias apanhadas nas escolas fundamentais das igrejas e estados, além das posturas e hábitos cognitivos, normas e dogmas culturais, como máscaras, postas após o mistério unitário e amoroso, envolvendo o surgimento próprio, universal.

DA AXIOLOGIA ETOLÓGICA

A máscara

O amante não se deixava contemplar,
Carregava uma máscara,
Atrás da máscara removida,
Após longa insistência,
Havia outras, outras, e outras.
Um dia, no inverno de um longo namoro,
A última máscara, por fim retirada,
Revelou-se: sem rosto, nada⁸.

A origem humana é reconhecida como essencialmente “natural, a não ser para os adeptos mais retrógrados e radicais do DST⁹, para quem a procedência humana é sobrenatural, determinada por uma entidade espiritual absoluta, antecedente às questões e revelando-se a partir da história e cultura”. E, “sendo-aí”, antes de todos os conceitos, até provar em contrário, a natureza deve ser considerada, meditada e consultada, para lastrar o modo de ser e a conduta ética, antes de tudo, em raízes ecológicas, de acordo com os potenciais mais prudentes, claros e precisos, conferidos pelo uso da razão plena. Trata-se da Razão Qualificada, não esquematizada e reduzida aos diagramas da lógica matemática binária, razão que só poderá se manter válida, na vanguarda, considerando as rubricas incluídas na “teoria da complexidade”: i.e., incorporando o paradoxo.

A postura exigida ao bom entendimento da natureza do ser, previsivelmente, não exige como fator originário, o advento dos grandes movimentos ideológicos e civilizatórios: o estado-de-ser natural precede essas mega ocorrências civilizacionais, propulsadas em obediência a manifestos, declarações epistolares, missivas e slogans políticos, muitas vezes similares a

⁸ Estrofe poética própria - adaptação livre de uma metáfora conhecida na esfera da psicologia transpessoal, aqui referida de memória: desconheço a fonte exata ou o autor.

⁹ DST: abreviação caracterizando o racionalismo e rígido idealismo utopístico do teísmo, tão contagioso e fanatizado pelos seus sequazes: Dualista, Sobrenaturalista e Transcendente.

gritos de animais. O bom entendimento do estado-de-ser exige contemplação, reflexões mais profundas, estas, apanágio dos que pensam, em harmonia com o modelo correspondente à natureza humana propriamente dita, na vanguarda da nossa linha histórica, desafiando, ao risco das suas próprias vidas, usos e costumes cheios de privilégios e vulgares, i.e., agindo com ânimo lúcido, superando, pela sua humanidade e bom senso filosófico, os impulsos relativos à vertente animalesca e retrocessiva dos determinismos mais instintivos. O processo civilizatório, desaguando nos modelos societários atuais e globais, não cessa de comprovar a sua fundamental corrupção e desvario, cujo núcleo, envolto em sistemas restritos e domínios reservados – o secreto impostor no lugar do mistério - contudo, grosseiramente ativo, mana de um ânimo avaro e despótico, refletindo a indignação das massas compelidas a se reconhecerem como “adventícios maus, pecadores, caídos na órbita planetária, no buraco da materialidade, para expiar culpas transcendentais” - de fato, historicamente, comportando-se como feras insanas e cruéis. O que se imagina ser, em relação às suas identificações, possibilidades de escolhas e atos, claramente, interfere com o que se faz e experimenta: quanto mais o que se crê é, com convicção, imaginado real, mais se confirma – eis o círculo da verdade: para ver será dado o que de si mesmo crer-se; mas, se o que se crê não harmoniza com o que é natural, concreto e substancial, choques e embates hão de acontecer, retificando, ou não, a justiça e adequação das crenças, na dependência da fluidez, inteligência e criatividade dos crentes. A busca revelando uma valia primordial, humanista e aberta, é mais bem exemplificada na periferia, além dos portais da nossa civilização; o posicionamento filosófico que preza aquilo que deve ser honrado primeiro, a natureza, exemplifica-se nos pré-socráticos, até ele inclusive [quando bem entendido, contextualizado, sem invadir as reflexões de pressupostos referentes às formatações platônicas posteriores], nos cétricos reverentes, fazendo da admiração, do espanto, o verbo das suas buscas, nos epicuristas, em alguns estoicos, raros neoplatônicos, como sugerido em Plotino. Não há sinais certificando que o "sendo-aí" cultural possa, obrigatoriamente, corresponder e sintonizar com o estado-de-ser humano, apenas por alongar-se historicamente; nem tampouco há índices, de que os valores agregados pela tradição sejam perenes, positivos e bons, unicamente por perdurar no tempo.

O tempo, a história, a tradição não fornecem, por necessidade, critérios qualitativos e positivos de valores, a não ser nas configurações metafísicas hegelianas, teoria idealística, invalidada por exceder o bom senso, prudência e sobriedade, e, por fim, utópica, desmentida - até modificações, e comprovação contrária - na simples observação do afunilamento do processo histórico numa globalização conservadora, obviamente, sustentada em guerras, monopólios, ocultações, violências e iniquidades.

O exemplo citado – ibidem; p. 42 [referindo-se a Reale; *Experiência e Cultura*, 1999; p. 20-21], apontando os valores e direitos da pessoa humana como demonstração de um "invariante axiológico" emulado nos princípios desse culturalismo, rabiscando rumos subjetivistas, é um modelo, claramente, laxo, impreciso. Trata-se de um exemplo infeliz, porque a ética profunda, sustentáculo dos direitos humanos – além das etiquetas, rivalidades, usos e costumes –, tipicamente, não decorre, não pertence, nem emana do mundo da “cultura geral”, societária, como, necessariamente, se manifesta nas equidistâncias, confortavelmente emendadas, da intersubjetividade que prepondera, em sintonia com agremiações deslizando em conservadorismos, favorecendo formações de práticas e privilégios espúrios, nepotismos e sinecuras: a ética tem origem marginal e heroica, espantosa, vagueia fora dos palácios da justiça, é valor utópico, manuscrito, artesanal e ocasional, demonstrado por filósofos humanistas e naturalistas ativos, engajados, quase sempre desconsiderados ¹⁰ pelas suas culturas nativas, ou as que predominam; heróis capazes de olhar o ser humano como ele é, sem politizar, guerrear, sem pregar estar vislumbrando super-homens enviados de planos ideais, nem transformar, e recuperar, os corajosos em messias, sem se velar de máscaras e véus lendários: uma invariância axiológica só pode ser realmente invariante, quando embasada, primeiro, na apreciação da interface entre o homem e a natureza - o etos -, e nunca definida no fluxo de movimentos

¹⁰ Como de certa forma, os gandhis, o Dalai-Lama, esperando – sem apoio eficiente - que uma “grande cultura” escravagista, utilizada, proveitosamente, pelos monopólios mercantis da “grande civilização”, devolva territórios conquistados, a ferro e sangue; os que desistem das suas heranças, enraizadas em conquistas guerreiras, em favor dos pobres e da justiça; os que vivem, exemplarmente, como a natureza parece ponderar, sem obrigar nem impor, como os Diógenes, Francisco de Assis, Henry Thoreau; os que combatem um sistema, “culturalmente predominante”, sustentando seus banqueiros; mas, aniquilando seus operários e cidadãos comuns; os que apontam as igrejas que pregam a caridade; mas, cujos prelados, envoltos em aparatos vaidosos, exaltando austeridade sem sobriedade, ostentam glórias e riquezas tiradas a força das velhas colônias.

históricos, ideológicos, de modos culturais, efêmeros e propagados - do não ser, do “pseudo”.

III - DO MÉTODO

DA RAZÃO QUALIFICADA

No essencialismo, como filosofia completa e abrangente [ética, estética, metafísica e cosmovisão], chega-se à essência: 1) reconhecendo o que é de fato essencial, real, sem abusos, nem extrapolações, esvaziando-se dos preconceitos e ofuscamentos, operando com máxima criatividade e originalidade; 2) por intermédio de uma experiência cognitiva abrangente, envolvendo por igual as diversas inteligências [abstrata, cinestésica, intuitiva, afetiva e estética], operando um conceito de “razão qualificada” estruturalmente definido pela soma dessas inteligências: uma evolução filosófica considerável, evidenciada em si, o reducionismo fundamental da filosofia acadêmica tradicionalmente desconsiderando o bom senso em favor do racionalismo, propriamente dito, ou racionalismo empírico. O justo valor deste encontro com a essência se reconhece: a) pela sobriedade evidente; b) pela eficiência funcional julgada através do seu potencial em gerar atitudes e comportamentos virtuosos de acordo com uma “arete” evolutiva e de respeito: dialógica, comunitária e pacífica, i.e., eco-humanista; c) por um sentimento extremamente apropriado e necessário de profunda veneração frente à grandeza e beleza da natureza; d) pela narrativa compreensível, referente à experiência própria e compartilhada por todos, sem elitismos.

O essencialismo prima por operar uma análise crítica, aplicada no universo da reflexão, recomendando pôr entre parênteses, suspender, ou aplicar cortes nas terminologias e especulações referentes às extrapolações típicas da tradição acadêmica, equacionadas entre posicionamentos conceituais - como “monismo e dualismo”; “idealismo e realismo”; “racionalismo e pragmatismo” - implicando a vigência de preocupações e pré-concepções teleológicas. A

postura gnosiológica requerida implica a detecção e remoção preventiva, ou desmascaramento, das “entidades linguísticas”, embasadas nessas ideias gerais e termos abrangentes, mas sem existencialidade real, por ausência de atributos sensoriais: uma abstração se reconhece como uma abstração, um mito como um mito, uma lenda como uma lenda, um conceito geral como um conceito. A oposição alienante de atos de vontade a tais concepções, ou de motivações autônomas, é rigorosamente denunciada como impostura e falsificação ideológica. Tais habilidades cognitivas e sanativas intentam combater e fechar as veredas cognitivas ofuscando a lucidez da razão natural – como entendida pelos antigos – e desviando a consciência simples dos fenômenos em elucubrações e complexidades enganadoras, abusivas, propagadas, voluntariamente ou por ignorância, por aqueles cuja verdade é relativizada em função de benefícios privados e apegos, pré-concepções prepotentes e arrogâncias. Exemplificando: uma profusão de termos como: “a matriz enviou os seus funcionários à filial”; “Eu sou eu e minha circunstância (...) cada eu rodeado de realidade total” “os limites naturais da razão impedem o acesso à verdade” são imediatamente sanados e elucidados em busca de um retorno ao essencial.

“A matriz enviou os seus funcionários à filial”: “matriz” é um universal e como tal não é capaz de volição nem atos: devendo ser o termo lido e traduzido como: um grupo de indivíduos autodenominados ou percebidos como “matriz” resolveu encaminhar indivíduos, empregados, para a “filial”.

“Eu sou eu e minha circunstância (...) cada eu rodeado de realidade total” – expressões de Ortega y Gasset. Na junção ciente, eficaz e real, do “eu” e da “circunstância” desaparece o que pode ser entendido como “meu”, apesar do que pensa Ortega, imaginando 1) locar o ser, 2) nele mesmo [eu sou eu] – isto é no “eu”, por extensão e similaridade, no “meu”, no “teu”; Ortega trata de si mesmo como se carregasse um depósito autônomo de crenças relativas a condicionamentos históricos, dotado de vitalidade específica, atuando por medianimidade do “eu” continente. O Ser, antes de se refletir no espelho do pensamento, é o

que é; antes de acreditares em opiniões de autorreferência somos continentes de células e moléculas pensantes. “Ser cada eu rodeado de realidade total”, implica, pelo uso da preposição “de” intercalando sujeito e objeto, e do pronome “cada” separando verbo e pronome, ser a circunstância um ‘entorno’, algo justaposto e contíguo; mas, ainda assim posto ‘antes’ ou ‘diante’, i.e., de alguma forma consequencial: uma relação, desde já, desafiando a ideia de uma unidade verdadeiramente incorporada, curva, com equivalência ontológica. É justamente para marcar o entendimento, na busca de revitalizar uma linguagem esquecida, ou inovar, que Heidegger usa de tantos neologismos, fugindo das imprecisões, polindo a consciência ao ponto de romper o espelho. Poderiam, talvez, Heidegger, Husserl, Merleau-Ponty, Scheler e Jaspers, assim responder: o que nos rodeia? Nada, tudo está sendo: centro absoluto, cósmico, corpo, sentindo e metabolizando mundos no real imediato, epoché, como um estado-de-ser solsticial, colapsando tempo, espaço e pessoas, estático e espantado, entre lapsos relativos de consciência onde indaga-se sobre o que nos rodeia”

“Os limites naturais da razão impedem o acesso à verdade”. O enunciado pode ser desmascarado trabalhando e esclarecendo os conceitos. Exemplificando: enunciar em termos gerais que o acesso à “verdade”, como dificuldade filosófica, reside em “alguma conformação estrutural insuficiente da razão, ou nos limites da razão humana em si”, reflete, necessariamente, a aplicação de um juízo dogmático e preconceitual, cuja premissa hipotética é: “apesar desses limites, como estamos acima, sabemos com certeza o que deveria ser; como as coisas deveriam ser; o que deveria ser a verdade, etc.” Na realidade: surgindo a problematização “existe limites naturais impedindo o acesso à verdade” a dificuldade será, antes de tudo, um problema peculiar, assumido como geral: em todo caso implicando, original e simplesmente, a necessidade de descobrir ou aprender um método, uma educação gnosiológica mais eficaz, em busca de um relacionamento mais produtivo e digno, menos insatisfeito e

prepotente, com o conceito de “verdade” – não é sensato considerar, sem crítica, adequado transformar uma ignorância singular, generalizada, mimetizada, um problema de adaptação, em falha estrutural geral da natureza - confundindo ensejos específicos como normas universais, suas frustrações e dificuldades de se conformar com o que é essencialmente paradoxal como falha da natureza!

A razão, como função, calculadora e compreendida de modo impreciso, no sentido comum, aparece como um farol iluminando uma noite temerosa, incapaz de decodificar total e profundamente a realidade, tendo o ser humano, em busca de certeza e segurança, de enfrentar e, de alguma forma, superar silogismos aporéticos e epiquiremático, além de raciocínios falaciosos, às vezes complexos. O motivo precípua de tal parecer, aponta uma resistência, ou desconformidade, em relação ao que é, a realidade se evidenciando. O termo Razão [o que é Razão?], do ponto de vista essencialista, não é revelado, em latim ou grego, como “Verbum” ou o “Logos”, ou ainda confundido com atributos específicos, tal como “logicismos”, ou modos reduzidos, tipo “método científico”, sem ponderações críticas e esclarecimentos. Razão (luz da razão natural) é o que resulta do exercício da inteligência no sentido mais amplo possível, de acordo com os avanços, da psicologia, neurologia e observação científica. A função coordenada da soma das inteligências - como definidas por Howard Gardner , ou, como foi sumarizado , em cinco fenômenos, metaforicamente tratados como heteronímias, atinentes a estruturas biológicas: 1) inteligência bulbar, motor ou cinestésica; 2) inteligência hemisférica abstrata; 3) inteligência hemisférica estética; 4) inteligência frontal, intuitiva e, 5) inteligência límbica, afetiva, configuram o que, devidamente, deve considerar-se a Razão. O Logos dos gregos que reúne em uma ideia-força o que é do H. sapiens – o racional e o sensível - com o que é da natureza, na perspectiva cosmo-existencial unitária e monista típica da razão antiga dos pré-socráticos até Sócrates inclusive – entendido como um céptico extático reverenciando a natureza, e não como um idealista platônico – é incluso nesse conceito atual e abrangente de razão – que, em todo caso, afasta-se irremediavelmente das configurações do racionalismo, teológico ou

positivista, trazendo de volta, de modo ampliado, o antigo conceito de “luz da razão natural”.

AXIOLOGIA ESTÉTICA

No essencialismo, a abordagem filosófica se faz a partir de uma cosmovisão específica embasada num eixo divergente daquele estruturado pela coordenada de perspectiva transcendente-transcendental; no caso, uma nova coordenada de perspectiva: a perspectiva cosmo-existencial agregando elementos cosmológicos antigos com os aportes relativamente novos de diversas formas de existencialismo. Na atualidade, o paradigma dualista, fonte da perspectiva transcendente-transcendental, está estruturado em mitos renitentes que impregnam profundamente o intelecto geral - como um estilo típico permeando uma obra de arte - promovendo um esquisito e hipertrofiado regionalismo num reducionismo global. Os métodos, em vez de naturalmente incorporarem a lógica como função acrescida, são incorporados e triturados por ela, transformando a filosofia em logicismos robustos como madeira de lei, mas sem a vitalidade e flexibilidade sugerida pelos bambus. As profundidades misteriosas da universalidade, cuja sutileza dos paradoxos escapam obviamente das malhas aparentemente irrefragáveis dos matematismos, se transformam em horizontalidade diversiva, estimulando a profusão infinda de outras temáticas e problemas. Destacam-se cada vez mais, campos isolados, em parênteses - rubricas filosóficas -, como se o estudo compulsivo de bordados específicos tivesse feito perder a visão plena da tapeçaria cósmica e eco-humanista, hoje parecendo vetusta, como se de outra época; tendo a filosofia como perdida a alma e a integridade (o ânimo) nesse processo dicotômico. Os movimentos característicos acontecendo nas trilhas dessa fragmentação gnosiológica são dicotômicos, refletindo uma rixa que se tolera, incômodo profundo, doença crônica: dificilmente se harmonizam. É o caso das ditas ‘filosofias racionalistas’ (como as de Descartes e Kant) em contraste com as ‘filosofias empiristas’ (como a de Bacon e mais tarde A. Comte - 1798-1857) que imperaram, renitentes, nos discursos renascentistas e iluministas, como insistentes polarizações de superfície, fontes de debates esboçando aprofundamentos. Outros fragmentos se apresentaram como

'humanista' ou 'helenizante'; ou ainda 'naturalista' - tentando fazer valer algum rastro de sentido unitário e monista. Mais recentemente, nos enlaces do romantismo, surgiram os juristas e filósofos da cultura e do social; uma nova leva de céticos (radicais ou não); existencialismos, às vezes, adaptando sabores e traços de filosofia oriental. No mesmo ímpeto de diferenciação, um impulso triturador, já separou, como se definitivamente, o campo caracterizado como "meramente filosófico" do campo dos domínios da ciência experimental. A "ciência" é hoje percebida como um lado oposto, quase antitético, ao da filosofia. Uma área à qual a filosofia só pode contribuir com algumas estruturas positivas e fisicalistas, um arcabouço de desenhos lógicos, ou então revisões gerais, éticas e normativas, numa relação estreita e submissa com os processos societários afirmados nos usos e costumes bem estacados em tradições, abalizados de autoridade instalada, e que não se discutem. Tradições, como se fossem títulos de propriedades, um dia e de uma vez por todas, conquistados e garantidos em pactos compostos e testemunhados por leigos nomeados, como nas paródias dos tribunais de guerra. Uma vaga impressão, como rastros interferentes de uma velha ideologia, uma sombra, um gosto final e persistente, parece ofuscar os debates, distorcendo e fragmentando as pistas, as novas luzes e insights, em engrenagens conservadoras e hierarquistas: como se um forte tabu de clã e poder impedisse a germinação de alternativas.

Se, à luz da razão natural, grandes e desafiadores debates não acontecem mais, certamente não é porque já se evidenciou um nível indispensável de verdades e certezas estéticas e éticas, ao ponto de não mais ter possibilidade de se confundir: mas sim, que já não parece haver mais do que suposições a serem defendidas e às quais se aderem por falta de opção e perspectiva: naufragos agarrados aos pedaços de cascos. Até teólogos mais convictos, e seus afilhados, chegam a afirmar: "Deus existe? A vida tem sentido? O universo tem uma face? A morte é minha irmã? A estas perguntas a alma religiosa só pode responder: não sei. Não sei, mas desejo ardentemente que assim seja, e me lanço inteiro, porque é mais belo o risco ao lado da esperança que a certeza ao lado de um universo frio e sem sentido (...)" . Na compreensão, como se configura no domínio e ordenamento mental da atualidade, não parece mais possível conhecerem-se as coisas essenciais, de verdade: toda a filosofia pós-

moderna parece não passar de possibilidades e hipóteses em relação à sua realidade e efetividade. O mesmo efeito duvidoso parece advir dos conhecimentos mais profundos da psicologia, reduzindo a simples incertezas o que antes se acreditava como revelações, descobertas, abalizadas nos focos das tradições e rituais. O desenvolvimento da história pulverizou, não apenas as assertivas religiosas fideístas do medievo, mas igualmente, e num mesmo golpe, a sabedoria do conhecimento imediato. Uma sabedoria necessariamente privada, porque essencialmente estética, revelando-se como um halo artisticamente atenuado, nas proximidades da luz forte do raciocínio - onde o entendimento tende a se ofuscar: a sabedoria retira-se da luz demasiadamente focada e das voltagens rigorosas e unilateralmente apontadas. Sabedoria que não se transmitia - a não ser no silêncio da autodescoberta induzida, engatada por insights nas sugestões lançadas como por encanto pelos sábios, iscas na forma de perguntas, gestos, atitudes e sorrisos: um saber encantador que bem combina com o respeito ao não-saber, ou o saber de não poder assegurar logicamente o essencial do saber, sem se perder na ignorância. O valor da verdade é sutil. Sócrates, tão mal interpretado nos últimos discursos de Platão, junto à pitonisa do templo de Apolo, já sabiam perfeitamente que o conhecimento processológico é inapto ao entendimento pleno e frontal da arte da criação. 1 - “A vida não sugere que se possa falar de finalidade última à parte do próprio existir” – 2 - “Tentar conceber um fim último distanciado do ato de viver é destinado a malograr”: esses são conceitos de sapiência universal, plena, reconhecida e além dos culturalismos; mas, apenas quando entendidos como pareceres ontológicos categóricos e últimos, perenes, referentes à natureza, à situação, ou ethos do estado-de-ser, como agora configurados na era dos humanos. Conceitos espantosamente evocando: a determinante existencial absoluta do ato e estado-de-ser, infinito alfa e ômega, em si mesmo, por si mesmo. Esse entendimento antigo, basilar e primevo, vigorando no ânimo filosófico de Sócrates para trás, é o único apto a permitir a percepção e reconhecimento apical da grande circunstância mítico-universal, em profundidade, na sua double-face; de um lado configurando-se: 1) o mito Panteísta-Existencialista-Monista junto com a decorrente perspectiva filosófica cosmo-existencial, embasamento do essencialismo (hoje profundamente ignorada) e do outro, 2)

o mito Teísta-Salvacionista-Dualista junto com a decorrente perspectiva transcendente-transcendental (transcendência incógnita, reservada, aberta a diletos escolhidos, santificados)¹¹. Um rebis alquímico com todas as suas expressões e especificidades, agregadas e decorrentes, lendárias, civilizacionais e culturais, delimitando um diálogo, épico, trágico, perdurante e transcivilizacional, de certa forma percebido pelos antigos filósofos, como os do vedismo, com seus conceitos de “idades” (as Yugas), e histórias das “formas-universais em conflito” como na grande, perdurante, infinda, batalha de Kuruksetra.

EMBASAMENTOS TEÓRICOS DA FACULDADE DE CONHECER

Viver ciente é superar as formas impositivas, nas conjunções dos seus saberes e encantos; do centro da sua autonomia; à luz da sua consciência filosófica: confirmar a virtude das suas formas e escolhas. Ser grato, sem se queixar nem pedir, abençoando e admirando a beleza e grandeza da natureza, como ela desce das cordilheiras até aqui nos manguezais da beira-mar. Sabedoria é reconhecer o que se deve conhecer; conhecer é escolher como se reconhecer, descrever e ser - é ser a sua descrição, cumprindo sua vontade e palavra.

¹¹ Tento demonstrar, que: 1) a história que primeiro desafia é a visão mais profunda que se pode alcançar; 2) e que a configuração do horizonte mítico sincroniza com essa visão; 3) que essa visão poderá ser natural, resultante de uma vivência imediata, basilar referente ao encontro do ser com a natureza; 4) ou apenas uma ideia, uma reflexão, introjetada em ambiente artificial, com reforço de ilustrações, imagens e metáforas; 5) que essa visão, é o horizonte – a linha do horizonte - que traz e define as possibilidades de entendimento; e as mudanças nas estruturas do drama pessoal, nas circunstâncias; 6) a novidade está atrelada à circunstância que é a base a partir da qual o homem se individualiza e, nesse continuado construir, 7) cria-se um nexos entre as escolhas pessoais, gerenciadas no plano mais profundo pela visão, e a história que desafia. Entender esse círculo criativo - sem querer examinar e analisar com o devido cuidado as configurações visionárias e míticas primordiais - gera mudanças menores, no cerne (nesse caso específico, e de acordo com a constelação conceitual do mito fundador diz-se: no “espírito” e na “alma” em vez de “no cerne”) do âmbito, ou enquadramento, generativo instalado no início do processo civilizacional, por isso, denomino esse modo filosófico de “filosofia conservadora”, ou “menor”, sendo o modo filosófico de perspectivas amplas – transcendente em relação aos formatos societários e civilizatórios denominado de “filosofia maior”, ou “macro-filosofia”. A macro-filosofia, potencialmente subversiva, em relação aos esquemas e sistemas institucionais armando a formatação societária definida pela visão mítica prístina, em vigor, assusta, e é rechaçada, quando se apresenta tangenciando as gestalts imperando na forma dominante. Opino que a visão do nosso processo civilizacional não corresponde à realidade – que o mapa não corresponde ao território – e que estamos destinados a um tremendo fracasso, a não ser que os que enxergam sejam capazes de se reconhecerem, na corajosa tentativa de redirecionar o grande navio, já adernado, em busca de águas mais serenas e produtivas.

Desde o início da filosofia, os pensadores se confrontaram com os potenciais e limites do que é dado se conhecer, como no caso de Sócrates (eleito pelo oráculo de Delfos como o mais sábio entre os homens de Atenas, e isso, de acordo com Sócrates, apenas por ele estar ciente de pouco saber em última análise). Kant foi talvez o primeiro a propor uma observação epistemológica evidenciando um feitiço estrutural do raciocínio: o nosso aparelho cognitivo molda e formata, a priori e por natureza, a percepção dos dados sensoriais em estrutura temporais e espaciais. O aparelho da percepção pode ser visto como uma mão modeladora; a realidade passa a ser como se fosse um gel pastoso contido na mão da percepção com os dedos reunidos em forma de concha. Se por “natureza” o nosso hábito perceptivo, racional e ativo, molda a percepção, ao falarmos de “natureza” falamos igualmente de nós mesmos, ou seja, demonstrando o papel participativo do observador. Algumas das estratégias e saídas preferenciais da razão foram desde cedo reconhecidas, inclusive pelos pré-socráticos, como: 1) fechar-se em circularidades; 2) perder-se em regressos infinitos; 3) afirmar, apontando o dedo, e dogmaticamente elevando suposições ao status de certezas; 4) assumir essa incompetência decisória e permanecer humildemente perplexo (em ataraxia e espanto) frente a esses estados contraditórios e aparentemente irreduzíveis; 5) não esperar da razão o que ela não pode dar; manter-se aberto e pragmático. Está claro, nenhum objeto analisado pode escapar desses limites inerentes: inúmeros são os paradoxos gerados pela natureza antinômica da nossa indagação e maneira de conhecer. Nos estudos das formas de comportamento, é notório que não se consegue diferenciar e claramente delimitar o que é inato ou genético, do que é cultural ou psíquico, abrindo-se um palco onde diversas correntes se confrontam desde o início da modernidade.

Embora possa haver interesse histórico, não há necessidade de se constranger o assunto “as formas do conhecimento” a antigos debates como dos “planos existenciais” platônicos e outras clivagens teleológicas: nesses casos estaríamos tratando das formas de conhecimento de acordo com antigas e tradicionais abstrações – i.e., se trataria desde já de “modos” de conhecimento e não de “formas de conhecimento”. Não parece que uma regressão imaginária,

indo de mestres em mestres, de agentes em agentes transmissores de conhecimento (até chegar muito longe na direção do sem fim dos regressos absolutos) possa ser o melhor meio de reconhecer “formas de conhecer”: essa busca se referiria mais à história do conhecimento e das ideias. Nem tampouco parece haver necessidade de constranger a busca diretamente com o problema das “causas”, como no sentido aristotélico das quatro causas (substanciais, eficientes, formais e finais) - se bem que o conceito de causa eficiente e formal possa auxiliar nesse intento. A busca de “formas de conhecer” não parece dever tratar, centralmente, da apreciação dos dados em si, i.e., do conteúdo do conhecimento; das suas referências específicas, dos seus particulares, e, atinando a este ou àquele saber, num esforço de classificação: apreciações tratando da natureza do conhecido. Conceitos modernos, antes não disponíveis, modificam e esclarecem diversamente as relações entre os termos: (1) “forma” e (2) “conhecimento”, gerando especulações renovadas. O estudo das diversas formas de conhecimento quando empreendido a partir da origem do conhecimento tende a ficar dúbio e se confundir com o problema da origem do conhecedor e do seu destino final: uma busca com frequência improdutiva e se dissolvendo em hipóteses e postulados metafísicos. De maneira esquemática (mas assim mesmo suficiente no escopo desse argumento) o que sabemos em relação às origens é: num estado de expansão inicial surge a poeira cósmica que se agrega em nebulosa e se condensa em estrelas e planetas. No eixo das coordenadas solares e planetárias, a vida surge até afunilar na ancestralidade biológica, na ascendência mais imediata, como estados de seres dotados de uma propensão para “conhecer”. Antes de nascer (do início do estado de ser), nada sabemos e nada conhecemos, isso até provar o contrário. A busca imediata da origem do conhecimento cessa necessariamente no ponto onde não há mais conhecimento detectável. Prolongar a busca além desse ponto inicial do conhecer não permite encontrar formas de conhecer, mas sim formas de especular e crer – e crer não é saber. Talvez, evidenciar-se-á algum esboço de “forma de conhecimento” ao tentar (1) definir como esse conhecimento se processa e se organiza nos mecanismos preceptivos e referências linguístico-matemáticas do conhecedor. Uma forma que poderá se revelar ainda mais na tentativa de se (2) perceber os motivos, as pulsões, a aplicabilidade, os efeitos

do conhecimento em relação à organização social dos indivíduos conhecedores. Uma forma que poderá se apreciar ainda mais de acordo com a sua (3) relação com os diversos fins propostos e imaginados, ou supostos, como fundamentais para o destino do conhecedor no seu contexto. No intuito de se buscar “formas” relacionadas ao conhecimento, parece importante interessar-se por diversos elementos como: pela natureza (a) dos informadores e da informação; (b) dos receptores ou conhecedores; (c) pelas resultantes dessas informações, isso sob diversos pontos de vista, como por exemplo: 1) maneira, configuração, composição, modalidade e variedade da informação; 2) as relações e a coordenação dos informados; 3) os veículos, a transmissão, os estilos da informação; 4) as suas abrangências, focos, direções e alvos; 5) as intensidades, frequências, constâncias; 6) efeitos e reações, as formações: as ações. Reconhecer as relações entre os conceitos de “conhecimento como forma” e o conceito de “informação” é uma perspectiva moderna e atual, apta a enriquecer a busca.

Não sendo encontrado “o conhecimento” como se encontra objetos na natureza, o método a ser usado é necessariamente e principalmente experiencial, exercitando escolhas com criatividade, ousando; trabalho a ser feito pelo conhecedor em relação ao conhecido e em busca dessas formas. Se de um lado exercitar escolhas criativas pode ser excepcional, não há determinismos tampouco. Não existe algo como um “pré-determinismo causal” – existe uma causação-não-determinada. Tudo é ligado a tudo: somos efeito e causa dos eventos. Não há determinismo, o padrão final das flores caídas do ipê-amarelo no verde do gramado é indeterminado; cada flor caiu por um conjunto de razões e causas, isso sim, é evidente: o tempo de amadurecimento, o vento, o tipo de forma da flor definindo o tipo de queda, a dinâmica, etc.; mas, não há como pré-determinar a ordem, o ponto exato do pouso, nem tampouco o efeito final: tudo é causado, mas nada é pré-determinado [na natureza, não há grigoris-rasputins ocultos nos bastidores – apesar dos que se apresentam como os porta-vozes desses antropomorfismos exaltados]. A ordem final na natureza é: interconectividade, impermanência, causalidade, imprevisibilidade e incalculabilidade. O universo na sua totalidade e como um todo não é causado nem pré-determinado! E se fosse, por algum “deus-geral-

comandante” – um imenso Sitting-Bull - sentado, separado, nos bastidores do cosmos de acordo com a fé dos teístas-aristocratas: então esse deus, nem uma eventual linhagem infinita de deuses, não é causado, logo o universo - desta vez nas suas raízes mais profundas e essenciais não é causado. A “vontade que escolhe” não é uma entidade, mas sim a reificação de um processo evolutivo capaz de operar escolhas. A escolha existe porque eu sei, conheço que posso comer uma banana ou uma maçã - e sei que sou eu que escolhi comer a maçã. Mas a escolha é possível e existe sustentada em tramas e sequências sem fins de causalidades, antecedências, estruturações infinitas, mas atuando no momento, no escopo e contexto da atualidade: mas a escolha em si é indeterminada, aberta a influências, desejos e vontades, imprevisíveis. No topo dessa complexidade, existe o poder de escolher entre opções que se apresentam: trata-se de uma propriedade emergente na evolução dos seres – parecendo, em potencial, maximamente expressa na humanidade. Uma propriedade emergindo da complexidade das redes neurais e do arco trino infinitamente repetido [1-perceber; 2-cientificar; 3-responder] e assentado sobre o ato fundamental da distinção, como capacidade cognitiva e essência da vida e do mistério da existência, gênese: uma linha demarcadora distingue e separa algo do nada, simultaneamente, no mundo e na minha consciência de ser: assim 1-percebemos, 2-cientificamos, e 3-respondemos, afirmando existir até onde, acordados, seja possível conhecer¹² .

PERSPECTIVA ESSENCIALISTA COSMO-EXISTENCIAL

- Forma sumarizada –

1 - A vida se configura como: estado-de-ser ciente, natural e processual; ou como: um processo vital natural; dado a ser; e ciente-de-si - em graus diversos.

2 - Do ponto de vista filosófico, percebe-se o que está sendo, e é, como: um processo existencial científicador; presente e atuante; tensionado entre as balizas, ou termos: estado-(de)-ser, como as duas margens do fluxo

¹² De que forma começo a conhecer, e como posso continuar conhecendo? Eis a indagação mais operante e produtiva, exigida pela indagação sobre as formas de conhecimento – um estudo desenvolvido em artigo específico sobre os modos de conhecer.

existencial; equacionando incertezas ontológicas e gnosiológicas; tentando viver, reger, e significar, a paradoxalidade da experiência, decorrente da ambiguidade nativa do estado-de-ser.

3 - A intensidade paradoxal da ambiguidade acontece no eixo da individualidade vivenciada entre polos: a) 'unidade-(fusão)' e b) 'separação-(discriminação)', e se científica na proporção e grau de perspicácia do indivíduo.

4 - A regência é a significação do processo existencial, demonstra uma natureza essencialmente paradoxal, equacionada em uma trama complexa, oscilando entre evidências e hipóteses, e resulta em um âmbito vivencial de incerteza e infinitude - fato reconhecido, intuitivamente, como ocorrência inelutável, possivelmente, radical e perene -, mas, ainda assim, reunindo e agregando os fenômenos definidos pela ciência e física como "matéria-energia".

5 - Essa consciência primordial revela-se tão clara quanto o conhecimento imediato do céu estrelado para os que contemplam e perscrutam o esplendor da noite, e pode ser adequadamente dita definidora de uma perspectiva filosófica cosmo-existencial, ponto de vista basilar do essencialismo, selando, naturalmente, uma realização filosófica extrema, admirável e espantosa, inscrevendo um choque emocional, com repercussão cognitiva inelutável e inolvidável, no cerne da busca e imo do estado-de-ser.

6 - Trata-se: a) de uma realização filosófica arrematante, basilar, universal; b) consoante com um ceticismo reverente frente à magnitude e grandeza da natureza, ou inefabilidade espantosa e primária; c) elaborando-se, historicamente, tanto na ontogenia quanto na filogenia, em diversas vertentes, ou tendências gnosiológicas e epistemológicas, tais como: pragmático-racionais; semirracionais, ou idealísticas; e derivadas francamente icáricas, irracionais, ou teológicas.

7 - As derivações históricas, relativas a esta realização filosófica espontânea, germinada na antiguidade, parecem ter sido elaboradas e instituídas por intermédio:

- Da consolidação e domesticação do “espanto filosófico” permitindo o cultivo de um sentimento de admiração profunda, marcando o advento da estética e demarcação primordial da arte;
- Da elaboração de práticas indutoras de júbilo e êxtase, dinamizando a intuição ;
- Em diversas ponderações e formas existenciais comedidas, diretamente decorrentes do insight fundador: tais como demonstradas no epicurismo e estoicismo, e algumas formas de neoplatonismos - como em Plotino;
- De outros movimentos mais radicais e exorbitantes, já divergentes no eixo de perspectiva filosófica prístina ou cosmo-existencial: d.1 - as diversas formas de ceticismo irreverente ou sofisticado, cinismo, niilismo (testemunhando uma atrofia do sentimento de admiração reverente em favor de uma racionalidade envolvente e dissociada); e, inversamente; d.2 – estranhas teleologias-teológicas: divergências extrapoladas, já não mais, tipicamente, “filosóficas”.

8 - Uma vez domado, civilizado em diversas derivadas e vertentes doutrinárias, a diluição do arremate filosófico primevo resulta na cristalização de paradigmas (como os ‘epistemes’ de Foucault – 1926/1984), ou outros fenômenos culturais consolidados, todos, necessariamente, havendo história, formas cadentes e desdobradas a partir dos insights primordiais. O que, inicialmente, implicava um cognitivismo pleno, maximamente aberto e fecundo, típico dos bandeirantes da filosofia, afunila na transmissão, disciplinada, acadêmica, e finalmente institucionalizada, de esquemas paradigmáticos.

9 - Nessa fase, inicia-se o advento de movimentos culturalistas, discursos políticos e terapêuticos, divulgados e mesmerizados como ideologias, por intermédio do monopólio da informação, obrigatoriedade e tutoragem da educação: movimentos em geral acompanhados pelas massas, como satélites, ou luas, incapazes de desafiar os paradigmas diretores introjetados ao nascer nestas culturas estratificadas - e estratificadoras (superestratificadas). Por fim, circunstâncias socioculturais - familiares, grupos sociais, cultismos específicos

- independentes da grande circunstância universal, cósmica, passam a, quase exclusivamente, delimitar os potenciais e possibilidades da humanidade.

RB – Aldeia – Recife.

BIBLIOGRAFIA:

ALVES, Rubens. O que é religião? - Edições Loyola, São Paulo; 2007.

BARBIER, Régis Alain; De habilis a sapiens: a anamnese de uma crise – Recife: Ed do Autor, 1998.

BARBIER, Régis Alain; Portal da Existência - Filosofia, Ciência & Vida Especial – nº 2; Editora Escala, SP; 2007.

CARVALHO, J. M; O homem e a filosofia; pequenas meditações sobre existência e cultura; Capítulo II, Existência e cultura; 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2007.

GUTTMANN, Julius; A filosofia do judaísmo; SP: Perspec.; 2003.

Howard Gardner: Estruturas da Mente. A teoria das Inteligências Múltiplas
Porto Alegre: Artes Médicas Sul; 1994.